

OS EFEITOS DA POLÍTICA DE PRODUTIVIDADE PARA AS NOVAS GERAÇÕES DE ACADÊMICAS NA FASE DO DOUTORADO

*Silvana Maria BITENCOURT**

RESUMO: Este artigo analisa a política de produtividade para as novas gerações de acadêmicas que vivenciam a fase do doutorado em uma universidade pública brasileira. Pretendeu-se demonstrar como as acadêmicas tem compreendido a produção do conhecimento e quais têm sido suas principais dificuldades e motivações para fazer um curso de doutorado na atualidade, considerando que estas mulheres buscam a partir da conclusão do doutorado, melhores possibilidades para competir no mercado de trabalho. Concluiu-se que apesar das dificuldades vivenciadas durante a fase do doutorado as acadêmicas incorporam o *habitus* acadêmico socialmente valorizado, mesmo tendo consciência que o mesmo tem provocado efeitos negativos para as suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE: Política de produtividade. Fase do doutorado. *Habitus* acadêmico.

Alguns estudos sobre a fase do de doutorado (SANTOS, 2007; ARAÚJO, 2006; BITENCOURT, 2011, 2013) têm constatado que as acadêmicas necessitam construir táticas para lidar com a vida pessoal e a vida profissional. Estas táticas reforçam que a fase do doutorado representa um tempo onde ocorrem mudanças nos quadros temporais, exigindo, assim, um maior grau de racionalização da forma de lidar com o uso do tempo. A dinâmica presente no doutorado tende a antecipar, adiar ou até mesmo suspender outros projetos de vida. Assim, no doutorado, deixa-

* UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Ciências Humanas e Sociais – Departamento de Sociologia e Ciência Política. Cuiabá – MT – Brasil. 78060-900 – silvana_bitencourt@yahoo.com.br

se de fazer escolhas que deverão ser decididas depois do doutorado. Estudiosas dos estudos de gênero (AQUINO, 2009; TAVARES, 2008; SANTOS, 2007; ARAÚJO, 2006) constataram que a vida acadêmica tende a ser mais adequada ao tipo masculino, no que tange lidar com os usos do tempo. Por isso, neste espaço há desigualdades de gênero especialmente vivenciadas pelas acadêmicas que optam pela maternidade. Logo, o jogo que ocorre no campo¹, por meio do discurso das oportunidades iguais para todos e todas, pautadas na vocação individual para uma prática, provocou desvantagens para as mulheres que decidiram conciliar família e carreira (BITENCOURT, 2013). A fase do doutorado é representada a partir de uma dedicação exclusiva exigida à investigação. Neste sentido, esta fase compõe-se a partir de uma nova regularização do tempo que possibilita às acadêmicas refletirem sobre os princípios que precisam ser seguidos no campo, portanto qual o *habitus*² a ser incorporado para garantir sua participação nele. A fase do doutorado também é compreendida como um tempo efêmero, representado simbolicamente por uma nova organização do uso do tempo devido à exigência de exclusividade, pautada no discurso que a prática científica pressupõe. A particularidade da fase do doutorado destaca-se por ser:

Período de interrogação identitária, descontínuo, extraordinário, transitório e suspenso, que termina com a retomada da rotina letiva, a qual, em termos práticos é tomada como um disciplinador temporal. Por ser dramático este período de tempo implica a negociação e a mediação de relações de poder, tanto na carreira, como na vida privada (ARAÚJO, 2006, p.9).

Nesse sentido este artigo aborda esta fase da vida acadêmica, considerando a atual política de produtividade a partir da percepção das próprias pesquisadoras. Para investigar os efeitos desta política para as novas gerações de acadêmicas na fase do doutorado realizou-se trabalho de campo de fevereiro de 2009 a março de 2010 em quatro programas de pós-graduação vinculados às seguintes áreas de conhecimento: ciências humanas, ciências exatas, ciências biológicas e engenharias.

¹ Campo no sentido bourdieusiano, como *locus* de uma competição, no qual está em jogo, especificamente, o monopólio da autoridade científica, definida, de modo inseparável, como a capacidade técnica e o poder social, ou, de outra maneira, o monopólio da competência científica, no sentido da capacidade reconhecida socialmente de um agente falar e agir legitimamente em assuntos científicos (BOURDIEU, 1975).

² Sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera a estrutura as práticas as representações que podem ser objetivamente 'regulamentadas' e 'reguladas' sem que por isso seja o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim ou do domínio se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro (BOURDIEU, 1999, p.15).

Considerando que nestes programas somavam-se um número de 103 doutorandas regularmente matriculadas. Após alguns meses de observações de campo na secretaria desses programas selecionamos 16 estudantes. Em relação ao critério de seleção escolhemos a partir da idade reprodutiva considerada saudável, conforme o discurso médico para se ter o primeiro filho³. Partindo deste critério, entrevistamos tanto doutorandas com filhos quanto doutorandas sem filhos, a fim de investigar como elas estavam experienciando a fase do doutorado a partir da atual política de produtividade presente na universidade brasileira.

A fase do doutorado e suas particularidades

Para as doutorandas investigadas prevaleceu a ideia de que o significado do doutorado mudou consideravelmente após seu ingresso, sendo que o mesmo contribuiu para elas terem uma compreensão mais elaborada sobre esta fase, convertendo esta experiência em críticas e resistências ou reproduzindo o *habitus* convencidas de que: “o doutorado é isto mesmo, pressão, críticas e não se pode fazer nada para mudar” (Patrícia⁴, engenharia).

Conforme as entrevistas, observou-se que cada ano do doutorado é vivenciado a partir de algumas particularidades. No primeiro ano, o tempo é destinado às disciplinas obrigatórias. De acordo com as doutorandas, esta obrigação de ter que cursar disciplinas obrigatórias é vista como uma desvantagem para o desenvolvimento dos projetos de tese, pois os conteúdos destas disciplinas nem sempre se vinculam ao tema do projeto. No segundo ano, cursa-se disciplinas optativas e elabora-se o projeto de tese para a qualificação. O terceiro ano e quarto ano de doutorado geralmente são dedicados à elaboração da tese, é também nestes dois últimos anos que as dificuldades de organizar o tempo para estudo, a tendência a isolamentos e o surgimento de problemas nas relações pessoais apareceram de forma mais evidente. Notou-se também, neste período, mudanças no estado emocional das doutorandas, devido à pressão por produtividade dentro dos prazos estabelecidos pelas agências de fomento.

Neste contexto, o doutorado é entendido como uma fase que precisa ser finalizada, por meio do ritual de defesa da tese. A defesa da tese geralmente é realizada no início do quinto ano, caso a doutoranda não solicite outra data para a defesa, postergando-a.

³ A idade reprodutiva estabelecida como saudável seria até 40 anos. Para mais informações ver Bitencourt (2011, 2013).

⁴ Todos os nomes citados neste artigo são fictícios a fim de preservar as identidades das informantes.

Na visão das doutorandas, o tempo dedicado à tese precisa ser integral, por isto, a grande maioria das doutorandas sem bolsa de estudos começa a ter dificuldades em conciliar o trabalho e a tese. Logo, as doutorandas com bolsas de estudos e as sem bolsas de estudos assumem, neste contexto, uma compreensão diferenciada sobre a fase do doutorado.

O “ter bolsa de estudos” e o “não ter bolsa de estudos” foi um fator muito citado nas entrevistas tanto entre as sete doutorandas com bolsas de estudos integrais⁵, quanto entre as quatro estudantes sem bolsa de estudos e as cinco entrevistadas com bolsa com menos de quatro anos.

As doutorandas da área das engenharias mostraram insatisfações em relação ao valor da bolsa de estudos. Segundo elas, o valor é “muito baixo” para suprir as necessidades “básicas” para conseguir dedicar-se ao doutorado, por isto, afirmam que necessitam trabalhar. Contudo, a insatisfação não é pelo fato de não ter bolsa de estudos, mas por ter que trabalhar.

Segundo a doutoranda Hilda, seria importante ter uma bolsa para dedicar-se ao doutorado. No entanto, devido ao valor da bolsa não suprir suas necessidades materiais, ela trabalha em duas instituições e presta serviços para duas outras empresas. Para conseguir produzir artigos, criou a tática de trabalhar o conteúdo da sua tese nas disciplinas que leciona como professora e utiliza trabalhos dos/as orientandos/as para manter um número de publicação no seu currículo *Lattes*. Diante da tática utilizada por Hilda para manter um ritmo de publicação em seu currículo, a competitividade entre as doutorandas apareceu como um atributo incorporado para estar no campo. Esta tendência competitiva acentuou-se especialmente, no Brasil, nos anos de 1990, diante da forte associação entre fomento e avaliação a que os programas de Pós-Graduação precisaram submeter-se para obter recursos (BIANCHETTI; MACHADO, 2009). Analisando esta relação entre fomento e avaliação Bianchetti e Machado (2009) salientam que: houve benefícios se considerarmos: o aumento da produção científica e tecnológica brasileira em termos mundiais; a redução do tempo de titulação, as orientações que começaram a ser mais planejadas e coletivas, entre outras mudanças positivas proporcionadas por esta associação entre avaliação e fomento. Porém, consideram que esta política produtivista tem mostrado efeitos negativos, pois o ser produtivo tornou-se um fim em si, muitas vezes, comprometendo a qualidade do que se é produzido.

O ter que trabalhar, pois, o valor da bolsa de estudos não é suficiente para suprir as necessidades, é a principal limitação que as doutorandas dizem sentir para se dedicarem ao doutorado. No entanto, estas doutorandas que trabalham são engenheiras e a construção do profissional de engenharia durante a graduação é, na

⁵ Bolsa integral significa ter bolsa durante os 48 meses do doutorado.

maioria das vezes, representada por um profissional que se destina ao mercado de trabalho. Bitencourt (2010) em pesquisa realizada com estudantes de engenharia, verificou que uma das motivações dos estudantes por esta carreira estava relacionada ao retorno financeiro que a profissão de engenheira/o garantiria após a formatura. Assim, esta demonstração de descontentamento pelo valor da bolsa de estudos das engenheiras demonstra como a formação em engenharia, construída na graduação, tende a influenciar os discursos das engenheiras ao longo da vida acadêmica.

As doutorandas mães falaram sobre a procura de um equilíbrio entre doutorado e maternidade. O suporte financeiro e a disponibilidade de outras pessoas para ajudar no cuidado dos filhos também mostraram-se primordiais. A preocupação em ter que publicar sem bolsa de estudos não foi comentada pelas doutorandas mães, pois, estas deram mais ênfase à gestão do tempo. As doutorandas com bolsa de estudos e sem filhos mostraram-se mais obstinadas a atender aos índices de produtividade esperados. O fato de ter bolsa de estudos é vivenciado de outra forma no doutorado, implica estar sujeito a assumir uma posição que exige mais dedicação. As estudantes bolsistas falam que sofrem maior pressão dos/as orientadores/as e secretários/as dos programas de Pós-Graduação porque estão com bolsa de estudos.

O fato de ter bolsa de estudos tende a obrigá-las a assumirem outras atividades no doutorado, que não estão relacionadas às suas obrigações de doutorandas. Atividades como: realizar trabalhos burocráticos dos/as orientadores/as, resolver problemas relacionados à manutenção de equipamentos, à compra de materiais para o laboratório e a verificação de preços de materiais, entre outros. Tudo isto demanda tempo de execução. Assim, o tempo utilizado nestas atividades é visto como um **tempo perdido** e pode comprometer suas pesquisas de tese⁶. A doutoranda Marina, percebe que a construção da carreira científica das novas gerações de mulheres tende a ser influenciada por fatores econômicos e sociais. Ela desmistifica a estudante de doutorado como alguém que tem um diferencial dos demais estudantes. Diz que se sente tratada como uma **caloura de graduação**.

Conforme Emília Rodrigues Araújo (2006), na atualidade, o doutorado passa por uma certa ambiguidade, pois, ao mesmo tempo que expressa valor simbólico em termos de capital cultural, há também a vulgarização sobre o título, em função de sua forte massificação. Estudos (LOUZASA; SILVA FILHO, 2005; MATTOS, 2007; BITENCOURT, 2011, 2013) sobre a precarização associada ao mercado de trabalho de pessoal pós-graduado constata que há um alongamento da formação por meio de cursos de pós-doutorado, contratos temporários como professor substituto e outras modalidades de atividades docentes e investigativas que não garantem

⁶ Este tipo de descontentamento em desempenhar atividades extras no doutorado também foi uma reclamação feita pelos informantes no estudo de Araújo (2006) em Portugal.

a permanência no cargo. As doutorandas deste estudo também demonstraram a incerteza em relação ao mercado de trabalho e o sentimento de insegurança presente no discurso de acadêmicos brasileiros (LOUZASA; SILVA FILHO, 2005). Esta situação contribui para as doutorandas conviverem com sentimento de desprestígio durante a formação.

Outra evidência percebida pelas doutorandas sem filhos na fase do doutorado, foi a tendência obsessiva pelo trabalho destinado à publicação entre as acadêmicas. Esta tendência obsessiva de ter que ser produtiva, estar a produzir a todo momento, logo, não importando onde produzir e como produzir, tende a causar desequilíbrios entre tempo de trabalho e tempo livre. O tempo livre que poderia ser utilizado para atender outras demandas além da universidade, especialmente as relações de ordem familiar, as atividades de lazer e esportes não apareceram na fala das acadêmicas. Por isto, esta divisão do uso do tempo desequilibrada tende a apresentar muitos conflitos internos.

O convívio social torna-se complexo, os outros⁷ ignoram a importância do doutorado por não terem uma compreensão sobre esta fase. Na percepção da doutoranda Carina, os acadêmicos e as acadêmicas assumem a representação de pessoas que não têm tempo para a família, logo, há uma incidência significativa de divórcios entre casais de acadêmicos e os casamentos, na maioria das vezes, são mantidos por **aparências** na avaliação da doutoranda. A vida acadêmica é descrita como uma vida diferente das vidas normais. Neste caso, a normalidade estaria caracterizada a partir do equilíbrio entre vida profissional e vida pessoal, que na visão das doutorandas, é impossível.

Esta dificuldade em conciliar vida pessoal e profissional, portanto, tempo de trabalho e tempo livre, é um problema para quem vivencia o trabalho acadêmico. Estudos (BITENCOURT, 2008, 2011, 2013; AQUINO, 2009; TAVARES, 2008; SANTOS, 2007; ARAÚJO, 2006) salientam que as acadêmicas mães sofrem desvantagens, pois, sentem-se responsáveis pelos trabalhos domésticos e o cuidado dos filhos. O trabalho acadêmico desempenhado durante o dia na universidade alonga-se para o espaço da casa à noite. Neste sentido, a tendência de trabalhar mais de 8h por dia, presente entre as acadêmicas e os acadêmicos, mostra como a introdução das tecnologias no trabalho propiciou uma mudança de temporalidade. Bianchetti e Machado, (2009), refletindo sobre a introdução das novas tecnologias, salientam que a economia de tempo proporcionada pelas novas tecnologias não contribuiu para mais tempo livre e sim mais trabalho. Segundo os autores,

⁷ Estes **outros** que convivem diariamente com as doutorandas, muitas vezes, são seus maridos, pais e filhos, por não estarem no campo acadêmico, tendem a desconhecer as principais dificuldades enfrentadas na fase do doutorado.

Com as novas tecnologias se conseguiu a façanha de poder dispensar viagens, de fazer entrevistas virtuais e orientações via internet etc. No entanto, o tempo de trabalho e a economia de energia com essas possibilidades não foram compensadas com mais tempo para o lazer, o desfrute de leituras, etc. (BIANCHETTI; MACHADO, 2009, p. 61).

Para a esposa e mãe é difícil seguir uma rotina acadêmica pautada na exclusividade e dedicação, deixar de lado os afazeres domésticos e o cuidado dos filhos. Todavia, as informantes criticam a falta de conhecimento e solidariedade dos familiares em relação ao cotidiano fora dos padrões normais, que as acadêmicas necessitam incorporar para atender a lógica produtivista.

Conforme Gina Gaio dos Santos (2007), a separação entre mundo privado e público não deve ser reforçada pelos modelos de carreiras que tendem à linearidade. Analisando os constrangimentos vivenciado pelas acadêmicas em conciliar vida familiar e estudos, a autora salienta que diante das mudanças econômicas e culturais que propiciaram a entrada das mulheres no mercado de trabalho, faz-se necessário construir modelos de carreiras multiformes e pluralistas, pois o modelo de carreira tradicional foi construído a partir de um padrão masculino homogêneo.

As insatisfações femininas e masculinas frente às dimensões que o trabalho ocupa em suas vidas, acabam pesando sobre as mulheres na hora de construir uma carreira. Segundo a autora, em alguns casos o casamento e os filhos até podem dar energia para os homens produzirem cientificamente; entretando, para as mulheres o casamento e os filhos, muitas vezes, podem contribuir para reforçar as limitações femininas diante da cultura organizacional estabelecida na universidade que se molda por uma perspectiva masculina, mesmo que neste modelo tradicional de carreira, a relação familiar seja compreendida como mais flexível que a rigidez tradicional do mercado de trabalho. Assim sendo, a autora propõe considerar os critérios subjetivos que envolvem o trabalho acadêmico. Estudos (ARAÚJO, 2006; SANTOS, 2007; BITENCOURT, 2013) sobre vidas acadêmicas constataram a dificuldade das acadêmicas casadas com filhos de conseguirem construir um tempo em casa para continuar seus trabalhos de tese. Geralmente estas doutorandas não conseguem desligar-se totalmente das obrigações vistas como de sua responsabilidade. Seguindo esta linha de raciocínio, na percepção da doutoranda Rita, as **poucas** pesquisadoras que conseguem construir uma carreira no campo acadêmico tendem a ser mulheres solteiras e sem filhos, pois não vivenciam o conflito interno sentido pelas mães que precisam conciliar vida profissional e familiar. Na visão de Rita a **boa** pesquisadora está socialmente representada na mulher solteira sem filhos, ou seja, aquela que pode se dedicar exclusivamente à vida acadêmica. A contagem do acúmulo de capitais científicos (BOURDIEU, 2002) de cada pesquisadora é uma forma de reafirmarmos

a visão de Rita sobre as pesquisadoras sem filhos em termos numéricos. No entanto, a limitação em quantificar publicações e reconhecimento da comunidade científica pode mascarar as dinâmicas institucionais diferenciadas de cada contexto de produção (FERREIRA et al., 2008).

A relação entre a vida de mulheres casadas e solteiras que desempenham a mesma função ainda é pouco pesquisada, os recortes geralmente optam por mulheres casadas com famílias constituídas; a relação entre trabalho e vida pessoal de mulheres solteiras não se mostra tão expressiva para as pesquisadoras (SANTOS, 2007). A UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*), desde os anos 1990, tem colocado em seus programas estudos que utilizam indicadores de gênero. A maternidade é avaliada como uma desvantagem na produtividade quando o filho ainda é muito pequeno, mas isso não significa que para ser uma acadêmica produtiva basta não casar e não ter filhos (TABAK, 2002). Este preconceito em relação à maternidade no campo acadêmico parece ocorrer, em grande parte, não apenas a partir do preconceito enunciado nas considerações das participantes da universidade quando afirmam que não há motivos para se refletir sobre a maternidade no campo acadêmico, mas nas próprias percepções das doutorandas mães sobre a maternidade e ser acadêmica. Elas se sentem excluídas, portanto, diferentes, fortalecendo ainda mais o poder do *habitus* modelado na prática científica.

Partindo desta perspectiva, a vida acadêmica compreende uma temporalidade mais adequada ao masculino, pois estes estão socialmente representados como seres mais disponíveis para a prática acadêmica por não precisarem cuidar dos filhos. Assim sendo, a exigência do direito da licença-paternidade por parte dos homens, mostra-se bastante problemática, pois esta reivindicação por ser vista como um direito atípico em relação a dicotomia que estrutura as relações de gênero, evidencia que os homens ainda não são socializados para desenvolverem papéis que promovam uma divisão igualitária nas tarefas domésticas e no cuidado com os filhos.

Os estudos de Virginia do Carmo Ferreira (2003) sobre repercussões das licenças maternidade e paternidade em Portugal constataram que este cuidado com as crianças ainda é compreendido como uma responsabilidade exclusiva das mulheres. Quando os homens decidem gozar de suas licenças paternidade, ausentando-se alguns dias do trabalho, esta atitude é percebida como uma atitude estranha e surpreendente para seus colegas de trabalho. Segundo a autora, isto ocorre devido a estar ainda muito naturalizada a necessidade da criança precisar da mãe pelo fato da amamentação.

Estudos (TABAK, 2002, 2006; AQUINO, 2009) que destacam a relação entre produção acadêmica e maternidade observaram a baixa produtividade das mulheres

que estão ainda com seus filhos muito pequenos. Isto faz questionarmos se o perfil da acadêmica produtiva, a partir da escolha de não casar e não ter filhos não é uma representação que limita as acadêmicas a decidir pela não maternidade, pela carreira.

O campo acadêmico no contexto da atual política de produtividade

As doutorandas geralmente vivenciam um cotidiano diferenciado pelo fato de cada área de conhecimento apresentar especificidades. Na engenharia o doutorado foi compreendido como uma fase composta de muita pressão institucional e imprevistos. Conforme as doutorandas, as maiores dificuldades são os trâmites administrativos necessários e a obtenção de recursos financeiros para iniciar o desenvolvimento da pesquisa.

Santos (2007), em sua pesquisa sobre acadêmicas em Portugal, verificou que os trabalhos que envolvem gestão e burocracias⁸, são menos gratificantes para as acadêmicas. Segundo a autora, este tipo de trabalho compreende a parte menos interessante e mais estressante que envolve o campo acadêmico. As doutorandas do campo das exatas ressaltam a necessidade de sempre se atualizar por meio dos artigos publicados em revistas internacionais. Elas destacam que as publicações precisam apresentar resultados inéditos. Neste caso, diferenciam sua área de conhecimento, na qual não se pode publicar por publicar. Nas ciências biológicas, geralmente as doutorandas também lidam com imprevistos. A mudança de projetos é bem frequente, pois as pesquisas dependem de experimentações que nem sempre atingem os objetivos traçados. Assim, esta incerteza sobre os resultados dos experimentos pode limitar a produtividade científica, logo as publicações. De acordo com a informante:

Como a gente trabalha com dados biológicos pode dar tudo maravilhoso, como pode dar tudo errado. A gente não consegue fazer o doutorado fazendo uma revisão bibliográfica e defender aquilo. Eu própria já troquei de projeto três vezes, porque as coisas não dão certo, não são geralmente como a gente quer e isto são fatores que a gente não consegue controlar. (Carina, ciências biológicas).

Conforme dados pôde-se perceber que as relações cotidianas, nas diferentes áreas de conhecimento, mostram algumas particularidades. Nas áreas que desenvolvem projetos de pesquisa, que necessitam fazer experimentos, as

⁸ A burocracia aqui compreendida no sentido vulgar, que significa uma administração com muitas divisões, regras e procedimentos redundantes, desnecessárias ao funcionamento do sistema.

doutorandas continuam indo ao laboratório após as disciplinas obrigatórias. Portanto, o laboratório é reconhecido como um espaço para estudos, mas também sociabilidade na universidade. Ao contrário, nas ciências humanas, durante a elaboração da tese, após ter cursado as disciplinas, as doutorandas raramente vão à universidade. Assim, logo a redação da tese, na área das ciências humanas é percebida como um cotidiano, mais solitário, em suas casas. Logo, as práticas cotidianas mostram especificidades por áreas de conhecimento. Neste caso, é preciso refletir sobre os tipos de avaliação que universalizam a avaliação da produção científica de modo igual para as ciências humanas, por meio de modelos das ciências exatas e engenharias (BIANCHETTI; MACHADO, 2009). As faculdades apresentam diferentes ritmos de produção e os conflitos internos das doutorandas na busca por ser produtiva são particulares. Isto reitera que a produção científica é vivenciada de modo diferente em cada área dentro do campo. A produtividade é moldada por um discurso que subentende que a acadêmica, para atingir a produtividade ideal, precisará dedicar-se exclusivamente à prática científica, ou seja, o tempo para a dedicação deve ser integral, incluindo fins de semana e feriados. Sobre algumas particularidades incorporadas pelas/os acadêmicas/os no campo científico, uma informante relata como o *ethos* dos acadêmicos pode ser reconhecido,

Eu vejo uma coisa assim bem particular entre nós pesquisadores. Por exemplo, para um atleta, fazer dez piruetas no ar pode ser grande coisa, para nós ele não vai passar de um palhaço. O que conta para nós são as publicações, ter publicação sabe? Falar bem em público, ficar de manhã, à tarde e se possível à noite e finais de semana e feriados dedicando-se. Isso não quer dizer que se dedicam tanto assim. (Carina, ciências biológicas).

Nas palavras da informante pode-se verificar que ter que publicar e dedicar-se exclusivamente à prática científica mostram-se como atributos socialmente valorizados entre os pesquisadores. Quanto mais destas singularidades forem incorporadas pelas acadêmicas, mais estas se aproximarão do *habitus* acadêmico. Neste sentido, há uma frequente re/produção de semelhanças no comportamento entre as acadêmicas que tendem a se distinguir de outros grupos sociais em função desta identidade. Conforme a doutoranda, o que é importante para as acadêmicas é a obtenção de capital científico específico⁹, pois este é um atributo primordial para se interagir neste espaço.

⁹ Este tipo de capital científico denominado específico, associado ao prestígio pessoal, que repousa, quase exclusivamente, no reconhecimento dos pares, se expressando, por exemplo, nas publicações, nas citações, nas premiações (BOURDIEU, 2004).

Os efeitos da política de produtividade para as novas gerações de acadêmicas na fase do doutorado

O nosso tempo é usado assim, as pessoas da tua família não entendem nada, nunca falo do meu trabalho para **mulheres normais**, pois elas não entendem e eu não vou passar de uma maluca. A concorrência, a competição é entre a gente. No doutorado, é mais específico ainda, você não vai ter tempo de sentar e explicar algo para alguém que não entende nem o básico. (Carina, ciências biológicas).

Seguindo a percepção da doutoranda sobre a especificidade da vida acadêmica, os outros, neste caso, a família e as amigas, são vistos como pessoas que não possuem o **básico** para compreender no que consiste o trabalho na universidade. Assim, a falta de diálogo entre as doutorandas com os outros provoca isolamentos, principalmente na hora de elaborar a tese. Isto ocorre especialmente durante o último ano como foi constatado nos estudos de Araújo, (2006); Santos (2007) e Bitencourt (2011, 2008). Consequentemente, a vivência durante esta fase tem desencadeado mudanças no estado emocional das doutorandas, que as levam a adotar táticas para lidar com os efeitos da política de produtividade.

A pressão por produtividade, por exemplo, é compreendida como um tipo de violência simbólica exercida pelos participantes da instituição que podem ser técnicas/as administrativas/as, professoras/es, colegas ou pelas políticas adotadas pelas agências de fomento. O modelo de carreira acadêmica não incorpora outras dimensões da vida real, como família, filhos, amigos entre outros, ou seja, outros relacionamentos que pressupõem outros tipos de uso do tempo (SANTOS, 2007).

Esta pressão gerada na fase do doutorado afeta a saúde psíquica de algumas doutorandas desencadeando processos diagnosticados como depressivos. Atualmente o aumento de casos de depressão propiciou também o aumento do uso de psicofármacos, uma coisa que leva à outra. Campanhas publicitárias das indústrias farmacêuticas, ao divulgarem novos medicamentos para as dores emocionais, fazem com que as pessoas se reconheçam como depressivas neste contexto de instabilidade. Estar triste, ansiosa, angustiada, tensa, são sentimentos vistos como negativos e podem assim afetar o controle da vida e das coisas. A cultura medicamentosa é tão presente neste contexto, que existe a possibilidade de prevenir a depressão mesmo antes desta manifestar-se (KEHL, 2009).

Na fase do doutorado, as doutorandas apresentam muitas dificuldades para lidar com medos, ansiedades sobre o que fazer depois, inseguranças sobre a produtividade realizada durante e como lidar com o uso do tempo. Reiterando o discurso social da depressão e de todos os sentimentos mal vistos socialmente, as doutorandas também mostram atitudes objetivas quando associam o uso de psicofármacos a uma forma rápida e objetiva para **curar a dor da alma**, expressão de uma das entrevistadas.

Segundo Madel Luz (2008) do campo da saúde e das psicanalistas Maria Rita Kehl (2009) e Elizabeth Roudinesco (2000), os problemas de ordem emocional são vistos como ameaças à construção de projetos individuais, daí depreendemos a ocorrência do uso de psicofármacos na contemporaneidade. Os valores centrados na lógica da sociedade capitalista ocidental tendem a proibir homens e mulheres de refletirem sobre suas subjetividades, pois não há tempo para sair da linha de montagem produtivista. As emoções são compreendidas como ocorrências estranhas ao contexto, moldado por um tipo de racionalidade que não avalia os meios e, sim, os fins. Por isto, nesta lógica acadêmica, não existe tempo para a reflexão sobre os efeitos da política da produtividade. As doutorandas começam a sentir conflitos sobre a vivência desta fase e recebem diagnósticos depressivos.

Vivemos no contexto moldado por valores individualistas, no qual tudo pode ser resolvido por meio de uma racionalidade, que, nos termos weberianos, está preocupada com os fins. Logo, os meios tornaram-se preocupações excessivas em torno de um contexto onde tudo pode ser resolvido, controlado, vigiado pelo conhecimento científico, materializado nas benfeitorias tecnológicas para o homem e a mulher contemporânea serem vencedores. O uso de medicamentos psicofármacos na sociedade contemporânea confere tanto a crença moderna no poder do especialista como a dificuldade dos indivíduos lidarem com os problemas vinculados à ordem subjetiva.

A depressão não afeta a todas no campo, contudo a sua presença é notada sempre, às vezes em seus pares. Isto contribuiu para todas as doutorandas terem um entendimento sobre o sofrimento de sua colega e procurar explicações sobre este sofrimento psíquico. Neste sentido, há um reconhecimento da depressão no meio acadêmico que faz as doutorandas relativizarem sua vivência a partir do seguinte pressuposto: **se não estou em depressão, minha colega pode estar**. Assim, o sofrimento psíquico que as doutorandas reconhecem existir no campo acadêmico é um laço de identificação entre elas.

A experiência da depressão e o uso de psicofármacos apareceu como uma maneira de sociabilizar a pressão sofrida no doutorado. A troca de experiências entre elas contribuiu para identificarem-se a partir do sofrimento psíquico vivenciado por colegas ou experienciado por elas próprias. As doutorandas vivenciam problemas variados, por isto não se pode compreendê-las como um grupo que compartilha dos mesmos valores, visões de mundo. Notamos que os significados relacionados à fase do doutorado são refletidos por cada uma delas a partir de suas biografias, experiências e situações cotidianas. Seus discursos refletem interesses individuais distintos. Desta forma, é impossível pensá-las como um grupo que compartilha os mesmos valores e visões de mundo. A criação de uma resistência coletiva para

superar as dificuldades do doutorado mostra-se pouco viável, pois não existe um diálogo direcionado a isso. Ainda que tenham consciência de suas dificuldades, as doutorandas parecem retardar uma elaboração consistente em função da falta de tempo. O *habitus* acadêmico, focado na política da produtividade, fala mais alto e é incorporado no campo sem grandes questionamentos.

As dificuldades não são poucas: insatisfações com o valor da bolsa; relações difíceis com orientadoras/es, sentimento de desprestígio social por serem tratadas como **calouras de graduação**; inseguranças relativas a ter emprego depois do doutorado e mães que se sentem discriminadas. Posto isso, por que apesar de todos estes problemas, elas estão construindo uma carreira?

Partindo deste questionamento, constatamos que a atividade científica é vista como um trabalho como outro qualquer para as doutorandas. O valor simbólico do título e uma discussão sobre a relação entre ciência e sociedade não apareceram em seus discursos. Para elas, o trabalho científico não é visto como uma atividade dotada de sensacionalismo, mas uma atividade que complementa a vida, moldada de individualismo e desejos materiais. Por isto, a atividade científica não se mostra como um fim em si, mas de um meio de alargar as suas possibilidades de consumo.

Diante das enunciações das doutorandas podemos verificar a necessidade de incorporar o *habitus* acadêmico, sendo mais significativa do que as insatisfações sofridas durante o doutorado. Nesse sentido, podemos mencionar algumas menções de sociólogos sobre a ciência moderna a fim de salientarmos como a representação do cientista moderno ainda permeia os discursos e as práticas das doutorandas desta pesquisa.

Em relação a este discurso Max Weber (1982) qualificou o trabalho do cientista como árduo, sendo a paixão um elemento significativo para se continuar a realizar esse tipo de trabalho. Robert Merton¹⁰ (1978) também pontuou a formação do cientista moderno quando detectou um *ethos* que esses sujeitos incorporavam para fazer ciência, logo respeitando regras e normas institucionais a partir de um compromisso talvez quase moral e o contemporâneo Pierre Bourdieu (1989) ao analisar o fazer científico salientou como os esboços do trabalho científico tendem a ser deixados pelo caminho, ou seja, pouco se discute sobre as condições em que se realiza o trabalho, pois a incorporação do *habitus* acadêmico apresenta-se como uma necessidade maior para ser conhecido e reconhecido como cientista. Estes autores, mesmo apresentando diferentes contribuições em termos conceituais, eles

¹⁰ Robert Merton na sociologia da ciência, ficou famoso ao fazer uma análise weberiana do nascimento da ciência na Inglaterra do século XVII, destacando o papel da ética protestante na criação da *Royal Society*.

são complementares na medida em que salientam o poder do discurso da ciência moderna no processo de construção da identidade do cientista, este que ainda vigora na contemporaneidade, se consideramos os pareceres dados pelas doutorandas do presente estudo.

Algumas considerações

O *habitus* é incorporado e as doutorandas demonstram sentir-se **mal** no campo. No entanto, para sobreviver nele incorporam um comportamento masculino e procuram tratamentos médicos por meio do uso de psicofármacos para curar seus sofrimentos psíquicos. A ausência de diálogo entre docentes e discentes sobre os efeitos da pressão imposta pela política de produtividade precisa ser revista. É necessária uma compreensão sobre as regras que vigoram na pós-graduação mostrando a relação entre modelos avaliativos e agências fomentadoras. A pressão que a/o docente e a própria pós-graduação enfrentam a cada dia pela política produtividade (BIANCHETTI; MACHADO, 2009), o que faz estes e estas tornarem-se cada vez mais competitivos e competitivas entre si, não fez parte da análise por parte das doutorandas.

A relação entre tempo de trabalho e o trabalho livre no doutorado não está em harmonia neste contexto. O tempo é sempre destinado ao trabalho. O modelo de produtividade vigente reforça a competitividade entre todos e todas no campo; sejam estas engenheiras, sociólogas, biólogas, químicas, a concorrência é declarada. A avaliação feita pela pós-graduação *stricto sensu* é imposta a partir dos moldes referentes às ciências exatas e engenharias. No entanto, as faculdades apresentam ritmos e histórias diferentes e isto precisa ser levado em consideração. O doutorado é percebido como um sistema **asfixiante** que dá a sensação na estudante de ter perdido a autonomia, a obrigação de ter que incorporar uma temporalidade fora dos padrões de normalidade para atender a produtividade, que afeta o cotidiano das doutorandas, causando questionamentos sobre a vida acadêmica e a execução de projetos de vida a partir de um viés linear. Entretanto, este sistema **asfixiante** que obriga a incorporação de um *habitus*, também pode contribuir para encerrar a possibilidade reflexiva das doutorandas. A necessidade de acumular capital científico específico é sentida neste contexto como o único fim que interessa para estar no campo. Assim, o currículo *Lattes* é considerado uma forma de controle sobre suas vidas acadêmicas, portanto sentem-se vigiadas na rede. A vida acadêmica é descrita como uma vida diferente das vidas normais. A normalidade estaria caracterizada a partir do equilíbrio entre vida profissional e vida pessoal o que, na visão das informantes, é impossível.

Este artigo traz uma reflexão que possibilitou às novas gerações de pesquisadoras apresentarem suas experiências em relação ao processo de conformação que presenciamos na universidade no que toca ao atual modelo de produção de conhecimento, considerando as particularidades da vida acadêmica, as táticas para sobreviverem neste campo de forças e a manutenção de um *habitus* científico. Nesse sentido, os processos avaliativos realizados pelas agências de fomento também poderiam ouvir as novas gerações sobre como estão sendo suas experiências com a atual política de produtividade. Assim, se estas experiências forem tomadas como elementos também constituidores da atividade científica no atual sistema de produção de conhecimento, as agências de fomento poderão ter dados qualitativos para interagir¹¹ de forma mais cooperativa com a saúde dos/as acadêmicas/os e as motivações para suas práticas científicas cotidianas.

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos às pesquisadoras: Virginia do Carmo Ferreira da Universidade de Coimbra; Elizabeth Farias da Silva da Universidade Federal de Santa Catarina e Emília Rodrigues de Araújo da Universidade do Minho, pela seriedade e pelo interesse que apresentaram por esta pesquisa.

THE EFFECTS OF POLITICS PRODUCTIVITY TO NEW GENERATIONS OF ACADEMICS DURING THE PROGRAM OF DOCTORATE

ABSTRACT: *This paper examines the effects of politics productivity to new generations of academic experience in the doctoral program of a Brazilian public university. It was intended to demonstrate such as: the academic has understood the production of knowledge, and what have been the main difficulties and motivations for doing a PhD nowadays. Considering that these women embrace their doctorate based on the acertive that they shall have better chances to compete in the labor market. It was concluded that despite the difficulties experienced during the doctoral phase, the academic still seek to incorporate the academic habitus socially valued, even being aware that it has caused negative effects on their lives.*

KEYWORDS: *politics productivity, program of doctorate, academic habitus.*

¹¹ A licença-maternidade que as pós-graduandas conquistaram em novembro de 2010 é um exemplo de reivindicação encaminhada às agências de fomento, assim, outras mudanças se forem debatidas pelas pesquisadoras e agências também poderão ocorrer.

Referências

AQUINO, E. M. Gênero e ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca de equidade. In: HEILBORN, et al. (Org.). **Sexualidade, reprodução e saúde**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009. p.57-72.

ARAÚJO, E. R. **O doutoramento**: a odisséia de uma fase de vida. Lisboa: Colibri, 2006.

BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. Trabalho docente no strictu sensu: publicar ou morrer! In: FIDALGO, F. et al. (Org.). **A intensificação do trabalho docente**: tecnologias e produtividade. Campinas: Papirus, 2009. p.49-89.

BITENCOURT, S. M. **Maternidade e carreira**: reflexões de acadêmicas na fase de doutorado. Jundiaí: Paco, 2013.

_____. **Candidatas à ciência**: a compreensão da maternidade na fase do doutorado. 2011. 340f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

_____. As relações de gênero na engenharia: diálogos num campo de saber/poder masculino. In: FERREIRA, M. de S. (Org.). **Desigualdades de gênero no Brasil**: novas ideias e práticas antigas. Belo Horizonte: Argumentvm, 2010. p.171-207.

_____. Ser cientista é ser cientista: as netas de Minerva e as contradições diante da cultura científica. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 32., 2008, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 2008. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2512&Itemid=230>. Acesso em: 05 set. 2008.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

_____. A causa da ciência: como a história social das ciências pode servir ao progresso das ciências. **Política & Sociedade**: Revista de Sociologia Política, Florianópolis, v.1, p.143-161, 2002.

_____. **A profissão de sociólogo**: preliminares epistemológicos. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: _____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. p.16-58.

_____. The specificity of the scientific field in social conditions of the progress of reason. **Social Science Information**, London, v.14, n.6, p.19-47, 1975.

Os efeitos da política de produtividade para as novas gerações de acadêmicas na fase do doutorado

FERREIRA, L. O. et al. Institucionalização, sistema de gênero e produção científica no Brasil (1939-1969). **História, Ciências, Saúde**: Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, p.43-71, 2008.

FERREIRA, V. do C. **Relações sociais de sexo e segregação do emprego**: uma análise da feminização dos escritórios em Portugal. 2003. 2v. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade de Coimbra, Faculdade de Economia, Coimbra, 2003.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

LOUZADA, R. de C. R.; FILHO, J. F. da S. Pós-graduação e trabalho: um estudo sobre projetos e expectativas de doutorandos brasileiros. **História, Ciências, Saúde**: Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 12, n.2, p. 265-82, 2005.

LUZ, M. T. Notas sobre a política de produtividade em pesquisa no Brasil: consequências para a vida acadêmica, a ética no Trabalho e a saúde dos trabalhadores. **Política & Sociedade**: Revista de Sociologia Política, Florianópolis, v.7, n.13, p. 205-228, 2008.

MATTOS, V. de B. **Pós-Graduação em tempos de precarização do trabalho**: um estudo sobre o alongamento da escolarização entre os mestrados da UFSC. 2007. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MERTON, R. K. Estudo sobre a sociologia das ciências. In: _____. **Sociologia, teoria e estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1978. p.631-730.

ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SANTOS, G. M. G. dos. **O desenvolvimento de carreira dos acadêmicos**: uma análise centrada na relação entre o trabalho e a família. 2007. 1CD-ROM. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade do Minho, Escola de Economia e Gestão, Braga, 2007.

TABAK, F. Sobre avanços e obstáculos. In: ENCONTRO NACIONAL PENSANDO GÊNERO E CIÊNCIA: NÚCLEOS E GRUPOS DE PESQUISA: 2005-2006, 1., 2006, Brasília. **Anais...** Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006. p.27-40. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2006/encontro-genero.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

_____. **O laboratório de Pandora**: estudos sobre a ciência no feminino. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

TAVARES, I. A participação feminina na pesquisa: presença das mulheres nas áreas de conhecimento. In: RISTOFF, D. et al. (Org.). **Simpósio**: gênero e indicadores da educação superior brasileira. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. p.31-62.

WEBER, M. A ciência como vocação. In: _____. **Ensaios de sociologia**. 5.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982. p.154-183.

Recebido em 01/04/2014.

Aprovado em 09/11/2014.